

Documentário: Caminho das Águas¹

Emerson dos Anjos BENEVIDES²

Sarah Hammayane Couceiro PIMENTEL³

Edilene MAFRA Mendes de Oliveira⁴

Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate, Manaus, AM

RESUMO

Caminho das Águas é um filme de não ficção em forma de documentário, produzido como forma de contribuir para o registro do modo de vida tradicional da Amazônia. É resultante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Rádio, TV e Internet. Por meio da Pesquisa Experimental, teve-se o intuito de investigar a relação entre homem e natureza, além da forma como o próprio caboclo se vê em meio ao seu habitat natural.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Ribeirinhos; Modo de vida; Comunidades Tradicionais; Caminho das Águas.

Introdução

O cinema no Amazonas surgiu na década de 20, com Silvino Santos, pioneiro na produção de obras cinematográficas no estado. Criador de filmes como “Índios Witotos do Rio Putumayo” e “No Paiz das Amazonas”, Silvino deu o pontapé inicial no registro e divulgação da Amazônia por meio da imagem.

O que conhecemos de sua atividade de pioneiro do cinema da Amazônia já nos é suficiente para constatar que ele tinha plena consciência dos limites de seu empreendimento, que ele só colocou, no fim de sua vida, ao mesmo tempo como alguém que lutou num terreno extremamente desfavorável para instituir o seu campo de trabalho de fundador de cinema regional e que é obrigado a reconhecer que foi vencido pelas dificuldades, pela incompreensão e pelo silêncio. (LOBO, 1994, p.2 apud SENA e SORANZ, 2013, p.3.)

De lá pra cá muita coisa mudou: o estado cresceu e passou-se a valorizar mais a produção cinematográfica. Principalmente aquelas com o intuito de registrar e divulgar o então “desconhecido” Amazonas para o mundo.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA02 Filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso).

² Aluno líder e bacharel em Rádio, TV e Internet pelo Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate, no ano de 2015. E-mail: benevides@outlook.com.br

³ Bacharel em Rádio, TV e Internet pelo Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate, no ano de 2015. E-mail: sarah.hc.pimentel@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Rádio, TV e Internet do Centro Universitário do Norte – Uninorte Laureate. Email: edilene.mafra@gmail.com

A utilização do cinema na difusão da cultura regional, por meio do filme etnográfico, vem crescendo nos últimos anos. Uma prova disso são os incentivos e eventos destinados à exibição e promoção de produtos criados pela população local.

Em 2004, o Governo do Estado do Amazonas criou, por meio da Secretaria de Estado de Cultura, o Amazonas Film Festival (AFF), com o objetivo de destacar filmes de aventura em todas as suas manifestações, enfatizando temas como ecologia, relações humanas, etnologia e vida selvagem, além de proporcionar a divulgação do potencial do Amazonas em termos de locação para filmagens e a consolidação do estado na difusão cultural do país.

O Amazonas Film Festival aos poucos tem proporcionado o crescimento da política cultural e social, tendo grande importância para a arte e cultura no Estado, oferecendo ações de capacitação, reflexão e formação de profissionais na área do audiovisual. (SENA; SORANZ. 2013, p.13.)

Em 2006, criou-se a ‘Mostra Curta-Metragem Digital do Amazonas’, destinada a produções realizadas por cineastas amazonenses, dando espaço para participação em concursos locais, nacionais e internacionais. Ainda em 2006, a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) deu início as atividades do ‘Núcleo de Antropologia Visual’, o Navi, que reúne pesquisadores e estudantes interessados no estudo das imagens, sobretudo as que retratam as características do homem amazônico. O núcleo possui um acervo com cerca de 500 filmes que tratam direta ou indiretamente da região amazônica, além de uma biblioteca de livros sobre o audiovisual e a Amazônia. Desde sua criação, o Navi realiza uma mostra amazônica de filmes etnográficos.

Além dos acontecimentos aqui listados, a cada ano novas oportunidades são criadas para fomentar a produção cinematográfica local. Seja por editais das esferas municipal, estadual ou federal, ou pela junção de profissionais empenhados com a causa que buscam incentivar e valorizar a área que, mesmo com tantos incentivos, ainda é despercebida se comparada com outros campos da área comunicacional.

A proposta deste paper é apresentar os resultados da pesquisa de conclusão de curso realizado com intuito de apontar a necessidade de registros de um dos modos de vida tradicional do Amazonas que pode ser extinto, o modo de vida dos ribeirinhos da orla do rio negro, em Manaus. O estudo resultou na produção de um documentário, o que torna a pesquisa relevante, pois servirá de base para futuras pesquisas dos campos sociológico e etnográfico, além de apresentar para a própria sociedade amazonense uma atividade típica dos ribeirinhos, que a parte mais jovem da população desconhece.

Com a expansão do mercado e dos incentivos do cinema regional, houve um crescimento significativo de obras realizadas por cineastas amazonenses. E com a multidisciplinaridade do documentário, produtores locais passaram a ter mais contato com diversas áreas e campos de pesquisas, principalmente antropológicas, sociológicas e etnográficas, o que enriquece suas produções. No Amazonas Film Festival, segundo uma matéria veiculada no portal do Governo do Amazona em 2013, cerca de 2.981 filmes foram exibidos no festival (dos quais 696 são produções 100% amazonenses) desde a primeira edição em 2004.

Diante disto, a pesquisa ressalta a importância do documentário no registro e divulgação de um modo de vida tradicional, proporcionando a posterioridade material científico-visual sobre o que não poderá mais ser visto, tendo em vista o constante crescimento geográfico e populacional, que está extinguindo a sociedade ribeirinha, forçando-os a adaptarem-se ao modo de vida caótico causado pela globalização e crescimento econômico do estado do Amazonas.

Objetivo

O objetivo geral da pesquisa experimental foi realizar a produção de um documentário intitulado ‘Caminho de Águas’, com duração média de 11 minutos, visando registrar o cotidiano do ribeirinho na orla da cidade de Manaus, bem como o impacto da urbanização nas atividades exercidas por este grupo tradicional.

Justificativa

É possível encontrar, em obras amazonenses, um vasto conteúdo que retrata a forma de organização, costumes, crenças e ideologia dos povos tradicionais do Amazonas, entretanto, é raro o conteúdo visual que ilustre tais evidências. Partindo desse pressuposto, foi possível identificar a necessidade de adequar o papel do comunicador no resgate, registro e promoção de um modo de vida que perdurou por tanto tempo e agora se encontra ameaçado.

O documentário como ferramenta de registro, pode ser utilizado para eternizar a dinâmica de um modo de vida em movimento, preservando-o para a posterioridade. E também como ferramenta de pesquisas sociais que busquem conhecer sobre o modo de vida ribeirinho, além de perpetuar uma cultura que tende a desaparecer por conta dos fenômenos

que ocorrem em decorrência da modernização e planejamento urbano que não contemplam a preservação da identidade ribeirinha. O vídeo também difunde a cultura, o modo de vida e suas particularidades, massificando a exibição deste documentário seja por meio de leis de incentivo a produção audiovisual, editais ou lei da TV paga.

O Amazonas e a construção de sua identidade cultural

O Amazonas, devido a sua dimensão, abriga uma variedade de costumes, religiões e etnias. A pluralidade deste território abrange grupos tradicionais, tais como: índios, seringueiros, remanescentes de quilombos, ribeirinhos, pescadores artesanais, e etc. (VEIGA; EHLERS, 2003).

Durante muito tempo, essas pessoas viveram nas florestas, em grupos isolados e acabaram criando uma relação de convívio em comunidade.

Os caboclos dispõem de um conjunto de estratégias adaptadas tanto ao ambiente físico dos trópicos, como ao “tradicional isolamento” de uma região com precárias condições de transportes (Moran, 1974). Eles ganham a vida com uma variedade de atividades de subsistência (Moran, 1977) como agricultura manual, caça, pesca e coleta (Wagley, 1988). Frequentemente, possuem um profundo conhecimento acerca dos recursos naturais e seu uso sustentado (Anderson, 1990). (FRAXE, 2004, p. 109)

As situações históricas que culminaram na formação de diferentes ciclos históricos na Amazônia criaram espaços para o desenvolvimento dessas miscigenações culturais que foram se adaptando às condições onde viviam. Arruda (2000) atribui a esse grupo o título de “povos tradicionais”:

Apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados principalmente para a subsistência, com fraca articulação com o mercado, baseado em uso intensivo de mão de obra familiar, tecnologias de baixo impacto, derivadas de conhecimentos patrimoniais e, normalmente de base sustentável. Estas populações - caiçaras, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas e outras variantes - em geral ocupam a região há muito tempo e não têm registro legal de propriedade privada individual da terra, definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente. (ARRUDA, 2000, p. 274)

Diante desta definição, destacamos a herança dessas populações que integraram os seus modos de vida ao meio ambiente e desenvolveram habilidades e conhecimentos sobre recursos naturais. Dentro deste grupo, existem aqueles que sobreviveram às transformações

sociais, econômicas e estruturais e se mantem, até então, presentes na configuração social e territorial da cidade de Manaus: os ribeirinhos.

Os ribeirinhos em questão estão incluídos dentro da noção que Williams (1992) desenvolve sobre as “culturas populares”. Eles construíram um modo de vida integrado pela agricultura e extrativismo vegetal ou animal, vivendo em função de produtos da floresta, dos rios e das terras molhadas da várzea amazônica. (FRAXE, 2004, p. 20)

Os costumes, crenças, atividades e colaborações serão apresentados no tópico a seguir. O destaque a essa comunidade é um reflexo da importância dessa população para o estado, bem como a ocupação e representação cultural desses para a sociedade que os cerca.

O documentário como registro do cotidiano

A presente pesquisa propõe por meio do documentário, contribuir não só para a construção da identidade cultural e da formação cidadã, como também auxiliar na representatividade de um modo de vida que não é conhecido por muitas pessoas da cidade de Manaus e demais Estados do Brasil.

O documentário é uma vertente do audiovisual que costuma trazer grandes conflitos quanto a sua classificação. É comum a classificação que opõe o documentário ao filme de ficção (DA-RIN, 2004), mas existe uma linha tênue que impede uma rotulação precisa. Para Godard, todo filme de ficção possui características documentais, assim como todo filme documental possui cargas fictícias. Porém, podemos pensar estruturas para desenvolver o documentário (RAMOS, 2000) a partir da tomada existente pela presença de um sujeito que sustenta a câmera. Ou da construção desta imagem por uma máquina câmera, onde não há intenção da existência de um sujeito por trás da desta maquinária. E por último, a relação do espectador com o espaço onde a tomada está sendo produzida, assim, o olho do espectador funciona como a câmera que capta a ação.

É possível observar que o processo que envolve a produção de um documentário é difícil, assim como sua definição. É um formato que agrega muito mais nuances do que qualquer outro. É o formato mais instável por se tratar do registro de vidas comuns. “Essas questões adicionam ao documentário um nível de reflexão ética que é bem menos importante no cinema de ficção” (NICHOLS, 2005. p.32).

Tanto o filme documentário, quanto o filme etnográfico possuem grande importância no que diz respeito à imagem e à preservação da memória. No entanto, o filme etnográfico traz uma forma bastante didática de se atribuir a relação entre a história e antropologia. De acordo

com Ferraz (2014), o observado transmite suas próprias vivências a partir do registro etnográfico, sendo o narrador dessa realidade:

Refiro-me à imagem viva, posta em circulação na pesquisa etnográfica, estabelecendo relações entre diferentes contextos, e provando a emergência de memórias entre meus interlocutores, trabalhadores, mulheres, produtores de narrativas sobre suas experiências vivas. (FERRAZ, 2014. p. 575)

Através do registro etnográfico é possível observarmos a conversa entre a imagem e o tempo. Onde por meio deste processo podemos congelar aquela realidade e a experiência de determinados grupos, bem como faz com que reflitamos a respeito de sua existência e cria a possibilidade de preservação histórica.

Diante disto, vale ressaltar a importância do documentário etnográfico no registro e divulgação de um modo de vida tradicional, proporcionando a posterioridade material científico-visual sobre o que não poderá mais ser visto em decorrência das grandes transformações apresentadas neste artigo.

Métodos e técnicas utilizados

A metodologia desenvolveu-se em dois momentos: levantamento de informações por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas em campo para a construção do trabalho de pesquisa e a realização das etapas da produção de um documentário.

Desenvolver um trabalho de conclusão de curso sobre esta temática despertou o interesse de todos os envolvidos em aprofundar os estudos relacionados ao audiovisual e os campos das ciências sociais aplicadas. O contato com as bibliografias, de autores regionais, em sua maioria, modificou o olhar e a forma de tratar, entender e divulgar diferentes realidades, mesmo estando tão próximas a nossa.

O primeiro passo foi coletar dados sobre os ribeirinhos na orla da cidade de Manaus. Desta forma, adotou-se a metodologia de abordagem dialética (LAKATOS; MARCONI, 2003), já que entende que os processos estão em constante evolução. Além de utilizar as ferramentas de procedimento histórico (ANDRADE, 2001), para analisar os fenômenos decorrentes na vida do ribeirinho na orla de Manaus. Utilizou-se também a pesquisa de campo e as entrevistas, para ter uma maior proximidade com o objeto de estudo, por meio da técnica da observação não estruturada ou assistemática (LAKATOS; MARCONI, 2003). Apoiou-se também, na técnica da observação (LAKATOS; MARCONI, 2003) para observar o cotidiano do grupo tradicional em questão.

A técnica da observação não estruturada ou assistemática, também denominada espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 192)

Lakatos e Marconi (2003) explicam que a técnica de observação possui resultados favoráveis a partir do contato dos pesquisadores e sua atenção ao ambiente na qual o observado está inserido. Esta ferramenta contribuiu com a pesquisa, tendo em vista que o documentário busca captar situações que são únicas e esta ferramenta nos dá a possibilidade de trabalhar de forma a registrar essa instantaneidade.

O êxito da utilização dessa técnica vai depender do observador, de estar ele atento aos fenômenos que ocorrem no mundo que o cerca, de sua perspicácia, discernimento, preparo e treino, além de ter uma atitude de prontidão. Muitas vezes, há uma única oportunidade para estudar certo fenômeno; outras vezes, essas ocasiões são raras. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 193)

Para entender a relação do ribeirão e a sociedade foi utilizado o método funcionalista já que este é um procedimento mais de interpretação (LAKATOS; MARCONI, 2003). Por fim, a Teoria Funcionalista com base em (COSTAS; MENDES, 2012), para incluir os estudos da comunicação na pesquisa, que defende o equilíbrio dos processos na sociedade.

Descrição do produto ou processo

O documentário “Caminho das Águas” acompanha o cotidiano dos ribeirinhos que trabalham na ‘escadaria dos remédios’ e na ‘feira da panair’, lugares localizados na orla do Rio Negro, em Manaus. O vídeo tem cerca de 11 minutos de duração e buscou apresentar como a urbanização da cidade impactou na vida dessas pessoas, retratando também o êxodo rural recorrente no estado do Amazonas.

Para Sergio Puccini Soares (2007), o filme documentário por várias décadas se apoiou no modelo de produção de filmes de ficção e a esta fase denomina-se de documentário clássico, predominante entre as décadas de 1920 a 1950. O filme de ficção e o filme documentário possuem suas peculiaridades no que diz respeito à criação e ao planejamento. Porém, o que esses produtos têm em comum é que todos respeitam três fases indispensáveis: a pré-produção, a execução e a pós-produção.

A pesquisa científica se utiliza de métodos e metodologias para alcançar metas e objetivos distintos. Pode-se afirmar que as premissas utilizadas neste campo podem ser comparadas às premissas da produção audiovisual. Na pré-produção, a equipe responsável pelo documentário realizou uma pesquisa de campo para selecionar os possíveis personagens. Para isso, foi utilizada a técnica da pré-entrevista. Essa técnica é muito útil:

Tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera (no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e a articulação verbal do entrevistado. (SOARES, 2007, p. 87)

A Escadaria dos Remédios, Manaus Moderna e Feira da Panair serviram de cenário, ao longo cinco dias, para observação do cotidiano local. A equipe técnica de produção foi composta pelos profissionais: diretor de fotografia, diretor de cena, produtor e som direto. Após o levantamento de personagens, foram selecionados: Seu Santos, Mauro Menezes, Alexandre, José “Zé Grandão”, João Mendonça e Daniel Oliveira. A escolha dos personagens teve como base critérios como: história de vida, envolvimento com a temática, disponibilidade para participação do projeto.

Tendo a limitação das embarcações a equipe optou por um equipamento mais leve, usando, portanto uma câmera DSLR Canon 7D e uma go-pro. Além de um gravador de áudio externo juntamente com um microfone shotgun e uma vara para explorar os ruídos característicos dos locais.

Optamos que o entrevistador do documentário estivesse fora de quadro para que direcione o olhar do personagem para uma só direção, dando a alusão de estar conversando com apenas uma pessoa, logo, tornando o ambiente mais intimista. Por outro lado, o entrevistado foi posicionado de uma forma que nem sempre olhasse diretamente para câmera e não ficasse perfilado enquanto estivesse em quadro, já que:

Uma exposição de perfil nem sempre é conveniente já que essa posição esconde parte do rosto do entrevistado criando um ar de suspeição para o depoimento. Ao mesmo tempo, essa posição evidencia a presença do entrevistador fora de quadro e distante da câmera como alguém que não dirige o filme, mesmo que a voz desse entrevistador não seja ouvida. A não ser que se trate da imagem obtida por uma segunda câmera, ou uma movimentação momentânea do entrevistado, essa posição perfilada encontraria melhor justificativa com a presença do entrevistador em quadro. (SOARES, 2007, p. 140)

Por se tratar de um trabalho acadêmico, sem vínculos comerciais, a equipe limitou para captar imagens em apenas quatro dias. Desta forma, a execução desta produção

ocorreu entre os dias 6 e 9 de dezembro de 2015. No dia 6 de dezembro, a equipe acompanhou o dia-a-dia na Escadaria dos Remédios (Manaus Moderna) desde às 6h da manhã, horário de maior rotatividade de pessoas. Finalizando a gravação às 15. O dia seguinte, 7 de dezembro, foi direcionado a acompanhar o cotidiano dos catraieiros, descarregadores, tratadores de peixes na Feira da Panair, onde começamos a gravar a partir das 5h30 da manhã e terminamos às 15h. E no mesmo dia, a equipe tentou captar um time-lapse do pôr do sol na Praça Rio Negro, localizada na orla do Bairro do São Raimundo, mas não obteve resultado devido ao tempo que estava nublado. Já no dia 8, começamos o dia às 5h, novamente na escadaria dos Remédios, para a gravação do nascer do dia. Ainda no mesmo dia, a equipe começou a decupagem de imagens para a criação do roteiro guia de montagem. Vide cronograma de gravação.

Após a captação das imagens do documentário, a direção do filme fez a decupagem do material para que fosse realizada a roteirização, servindo assim, como guia ao montador. Na pós-produção que foi criada a estrutura discursiva do documentário.

O guia decupado pelo diretor criou a possibilidade do primeiro corte/esqueleto do filme. A partir deste momento, para Soares (2007), o plano sintetiza, na forma de imagem, sugestão expressa pelo texto do roteiro. Da passagem do texto literário ao plano cinematográfico o fluxo de informação narrativa se acelera. O filme ganha ritmo.

Na pós-produção, ao finalizar a captação das imagens foi criado um roteiro guia para a montagem na ilha de edição. Nesta fase, a direção acompanhou durante quatro dias a montagem para auxiliar o editor a construir um documentário coeso, sendo fiel às histórias das pessoas envolvidas. Por meio de uma montagem dinâmica construída através de entrevistas, sequências de ação e demais ferramentas relacionadas à linguagem do cinema documental, buscamos produzir um documentário que represente a realidade dos ribeirinhos que vivem na cidade Manaus. O documentário aqui desenvolvido pretendeu explorar uma montagem expressiva:

Baseada em justaposições de planos cujo objetivo é produzir um efeito direto e preciso pelo choque de duas imagens; nesse caso, a montagem busca exprimir por si mesma um sentido ou uma ideia; já não é mais um meio, mas um fim. (MARTIN, 2003, p.132-133)

O documentário ‘Caminho das Águas’ promoveu o maior amadurecimento profissional e o entendimento do papel do comunicólogo de rádio, TV e internet diante dos desafios de registrar e divulgar o modo de vida que representa a essência do amazônida, que em meio a crescente globalização pode tornar-se extinto.

Considerações

Desenvolver este Projeto Experimental foi gratificante como principiante na área da pesquisa. Manter contato com um povo que representa o amazônida é valorizar nossas origens e, o mais importante, reconhecer o papel dessas pessoas em meio à sociedade. Este é um grande passo para levarmos essas histórias e relatos para que o mundo conheça. Como comunicadores, temos o papel de ‘abraçar’ as múltiplas realidades existentes em nosso Estado e usar nossa profissão como instrumento de voz dessas pessoas.

Produzir o documentário ‘Caminho das Águas’ ampliou a visão em meio aquilo que já se tornou ‘comum’ na mente das pessoas. Todos sempre enxergam a mesmice, mas não percebem a riqueza dos detalhes de cada história. Conhecer cada personagem, se envolver com as histórias, ganhar confiança e captar um instante daquilo que ninguém nunca lhes tinham perguntado, foi edificante como pessoas e profissionais.

Com relação às futuras pesquisas, acredita-se que este trabalho possa incentivar novos estudos que visem a entender antropológica e socialmente a interferência da urbanização em meio ao cenário rural. Ao mesmo tempo em que instiga a entender aprofundadamente os fenômenos que causam o êxodo rural no Amazonas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Rinaldo S. V. (2000). “**Populações tradicionais**” e a **proteção dos recursos naturais em unidades de conservação**. In: DIEGUES, Antônio Carlos (org.). Etnoconservação: Novos Rumos para a Proteção da Natureza nos Trópicos. São Paulo: NUPAUB, Hucitec.
- FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo. **Uma heurística do filme etnográfico: em torno de imagem, rememoração e presença**. Revista Etnográfica. Portugal. 2014. Vol. 18 (3).
- FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.
- GOVERNO DO AMAZONAS. **Governo do Amazonas disponibiliza novos projetos e incentivos para o cinema amazonense**. Disponível em < <http://www.amazonas.am.gov.br/2013/03/governo-do-amazonas-disponibiliza-novos-projetos-e-incentivos-para-o-cinema-amazonense/>> Acesso em 29 de abril de 2015.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário** / Bill Nichols; tradução Mônica Saddy Martins. Campinas. Papyrus, 2005. Coleção Campo Imagético.
- RAMOS, Fernão Pessoa e CANTANI, Afrânio (orgs). **Estudos de Cinema SOCINE 2000**, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207.
- SENA, Vanessa e SORANZ, G. **AMAZONAS FILM FESTIVAL: Suas contribuições culturais e sociais para o estado do Amazonas**. Manaus, Centro Universitário do Norte, 2013.
- SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: [s.n], 2007.
- VEIGA, José Eli; EHLERS, Eduardo. **Diversidade biológica e dinamismo econômico no meio rural**. In: MAY, Peter H.; LUSTOSA, Maria Cecília; VINHA, Valéria. Economia do meio Ambiente: teoria e Prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.